

## A LINGUAGEM NO DISCURSO DE MACUNAÍMA

Mônica Saad Madeira (UNIGRANRIO)

[monica.saad@bol.com.br](mailto:monica.saad@bol.com.br)

Simony Ricci Coelho (UNIGRANRIO)

[simonyricci@hotmail.com](mailto:simonyricci@hotmail.com)

### 1. Introdução

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. (Mikhail Bakhtin)

A palavra é a ferramenta de trabalho do escritor, manipulando-a, dá forma e vida ao seu pensamento. Assim, a literatura se materializa através da linguagem.

Macunaíma não é uma leitura fácil. Trata-se de um livro “todo ele de segunda intenção”, no dizer de seu autor.

Possui características próprias, com absoluta liberdade de criação, Mário de Andrade construiu uma narrativa complexa, apoiada em vasta erudição folclórica, que, sob a aparência despretensiosa do registro linguístico predominantemente coloquial, articula um enorme volume de referências culturais, históricas, geográficas, antropológicas, musicais, literárias etc.

Mesmo predominando o foco na 3ª pessoa, o autor inova utilizando a técnica cinematográfica de cortes bruscos no discurso do narrador, interrompendo-o para dar vez à fala dos personagens, principalmente Macunaíma. Esta técnica imprime velocidade, simultaneidade e continuidade à narrativa de Mário de Andrade.

Macunaíma nos remete ao erudito e popular, vanguardista e primitivo, cubista e folclórico, heroico e picaresco; rapsódia, romance, novela de cavalaria carnavalizada, romance de aprendizagem e fábula mítica; desmistificação do herói, mitificação do anti-herói; cômico e trágico, delirante e realista, nacionalista e crítico: todos esses elementos visam

compor a síntese de um presumido modo de ser brasileiro – polimorfo, plurirracal, multicultural, desconstroem e reconstroem nossa identidade étnica e cultural na busca do caráter nacional brasileiro.

## **2. Caracterização do herói**

Muitas pessoas dizem que o discurso não pode ser determinado socialmente, porque expressa suas ideias de maneira diferente. A nossa sociedade cultua a originalidade de expressão e chega a sancionar a pura e simples cópia de algo que alguém já escreveu, pintou etc. (José Luiz Fiorin)

Macunaíma, designado no subtítulo do livro como “o herói sem nenhum caráter”, é denominado “herói de nossa gente” logo no início da narrativa. E esse herói da gente brasileira – um herói sem caráter algum, ou seja, sem um traço que o defina de forma completa e permanente – é preto retinto, apesar de ser um índio.

Preguiçoso, “dandava pra ganhar vintém” quando via dinheiro. Feio, transformava-se num belo príncipe para “brincar” com a cunhada Sofará. Louco para botar a mão na “graça” das mulheres, sabia comportar-se bem quando visava interesse maior. Seu comportamento, mais do que imoral, é amoral, pois age como alguém que visa à própria satisfação sem sentimentos de culpa algum. Uma espécie de herdeiro de todas as culturas e ideologias dos diversos povos que colaboram para a formação do Brasil, transforma-se na personalização do caos de valores e comportamentos que o Brasil acabou se tornando.

Um dos grandes estudiosos dessa obra, Cavalcanti Proença, afirma que Macunaíma é um “herói excepcional da literatura popular, aquele herói que não tem preconceitos, não se cinge à moral de uma época e concentra em si próprio as virtudes e defeitos que nunca se encontram reunidos em um único indivíduo”. Um herói “cujas dimensões excedem a realidade: tanto está fora do bem e do mal como transcendo o espaço e o tempo.”

Para criar um herói assim, Mário de Andrade valeu-se de farto material retirado da mitologia indígena e do folclore brasileiro. A essa história básica, Mário de Andrade acrescentou livremente diversas outras que conheceu durante seus trabalhos de pesquisa do folclore brasileiro. É

por isso que Macunaíma assume ao longo do livro diversas identidades, sem que isso pareça inverossímil: nas narrativas míticas e folclóricas, a mudança de identidade e até da forma física de herói é absolutamente comum.

### **3. *A narrativa***

São tantas as lendas e mitos entrelaçados no livro, que qualquer tentativa de resumir seu enredo acaba falhando. Macunaíma e seus irmãos, após a morte da mãe, abandonam a tribo. Macunaíma casa-se com Ci, líder das guerreiras icamiabas, e tem um filho com ela, mas mãe e criança acabam morrendo. Triste, parte com seus irmãos para São Paulo, onde vivia o gigante Piamã, que também era o comerciante peruano Venceslau Pietro Pietra, nas mãos de quem se encontrava a muiraquitã, um amuleto em forma de sapo com que Ci havia presenteado o herói antes de morrer.

Depois de inúmeras peripécias – nas quais se mostram satiricamente muitos aspectos de vida paulistana, Macunaíma recupera a muiraquitã e mata o gigante Piamã. Outro nó narrativo decorre do fato de Vei, a deusa-sol, ter oferecido a mão de uma de suas filhas a Macunaíma. Ele aceita a oferta, mas acaba envolvendo-se antes com uma vendedora de peixes portuguesa, perdendo a oportunidade de casar-se com a filha de Vei, que passa a preparar-lhe uma vingança. Macunaíma e seus irmãos percorrem o Brasil todo. Em decadência, o herói começa a viagem de retorno às margens do rio Uraricoera, onde nascera. Lá chegando, cai numa armadilha de Vei, que o faz atirar-se na água atrás de uma linda mulher – na verdade uma iara que o mutila, fazendo-o perder definitivamente a virilidade e a muiraquitã.

### **4. *A linguagem***

Ao tecer sua história com o material retirado do mundo mitológico e folclórico, Mario de Andrade procurou construir uma forma de língua coerente com tal conteúdo, combinando termos de origem indígena, africana, regionalismo, modismos de linguagem – criando assim uma linguagem que é, segundo ele mesmo, uma espécie de esperanto brasileiro”, uma reunião de formas populares recolhidas em todo o país. Em suma, uma língua com força poética baseada na exploração dos recursos da fala popular brasileira, uma língua extremamente revolucionária para a

época – segundo Manuel Bandeira, “foi preciso que aparecesse um homem corajoso, apaixonado, sacrificado e da força de Mário de Andrade, para acabar com as meias medidas e empreender literatura a adoção integral da boa fala brasileira”.

Basta reler o trecho analisado para perceber o sabor dessa linguagem literária, montada como um verdadeiro mosaico de frases (“Ai! Que preguiça!...”), provérbios (“espinhos que pinica, de pequeno já traz ponta”).

O Mário-colecionador é também o Mário-intérprete. Aquele que se vê como capaz de descobrir o Brasil através de cada um de seus retalhos, encontrando neles *indícios* ou *sinais*, no sentido forte atribuído a esses termos por Carlos Ginzburg (1989) e cumprindo assim o destino que Angel Rama atribuiu à *Cidade Letrada* latino-americana de todos os tempos. “Ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças à essa leitura, reconstruir a ordem.”<sup>24</sup>

No caso concreto da *Enciclopédia Brasileira*, anteprojeto elaborado em 1939, quando era chefe do Instituto Nacional do Livro e a pedido do ministro Capanema, a *Enciclopédia* deveria também levar, da multiplicidade dos verbetes sobre os mais variados temas brasileiros ao caráter unívoco da “coisa brasileira” (ANDRADE, 1993, p. 26), conduzindo assim ao descobrimento do Brasil o público amplo que de antemão define: “os lares operários” assim com “o homem culto” (*Idem, ibidem*, p. 6 e 22). Por isso a *Enciclopédia* seria “monumento”, caracterizada pela “multivalência” e “um cometimento de enorme utilidade e patriotismo verdadeiro” (*Idem, ibidem*, p. 6, 37 e 63) e Mário o grande descobridor.

Já em *Macunaima*, livro-síntese de seus descobrimentos e de seu modernismo, o “herói sem nenhum caráter” empreende uma viagem redonda do “Uiraricoera” a São Paulo, “cidade macota esparramada a beira-rio do igarapé Tietê” (ANDRADE, 1997, p. 31) e da “boa São Paulo, a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes” (*Idem, ibidem*, p. 59), de volta ao “fundo do mato virgem” (*Idem, ibidem*, p. 9), “qual se tornara imperador ao gerar um filho com Ci, mãe do mato. A epopeia gira em torno da busca da muiraquitã, já que “por causa dela tudo ficava fácil” (*Idem, ibidem*, p. 107) e era a única lembrança que lhe deixara Ci, a “companheira para sempre inesquecível” (*Idem, ibidem*, p.

---

<sup>24</sup> ANGEL RAMA. *A cidade das Letras*. Op. cit., p. 53.

23), ao morrer e transformar-se na estrela Beta de Centauro. Na viagem, o herói descobre e decodifica para as icamiabas a cidade grande, São Paulo, “maloca ilustre”, e o Rio de Janeiro, “maloca sublime”, e percorre o Brasil inteiro em viagens.

Ao escrever o que para muitos críticos é seu livro máximo e para o Mário dos últimos anos de vida “é uma obra prima que falhou” (ANDRADE, 1984, p. 30), Mário, entre outras coisas, antecipa seu projeto de enciclopedista: expõe suas coleções de lendas, de quadrinhas cantadas, mitos e tradições brasileiras, fazendo obra de “rapsodo” (ANDRADE, 1984, p. 434), que é como se chamavam os que, com outro método, faziam trabalho análogo ao dos enciclopedistas, como “os cantadores nordes-tinos, (...) que se servem dos mesmos processos dos cantadores da mais histórica Antiguidade, da Índia, do Egito, da Palestina, da Grécia, transportam integral e primariamente tudo o que escutam e leem pros seus poemas, se limitando a escolher entre o lido e o escutado e a dar ritmo ao que escolhem pra que caiba nas cantorias. (...) Isso é Macunaíma e isso sou eu” (*Idem, ibidem*) E faz do Brasil descoberto uma síntese que supõe um caminho que se inicia “nos matos do Norte” (ANDRADE, 1997, p. 31) e dilui toda a especialidade convencional. Por isso afirma em carta a Câmara Cascudo antes mesmo da publicação do livro:

Minha intenção foi esta: aproveitar no máximo possível lendas tradições costumes frases feitas etc. brasileiros. E tudo debaixo de um caráter sempre lendário, porém como uma lenda de índio e de negro. O livro quase não tem nenhum caso inventado por mim, tudo são lendas que relato (...). Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrasileirar e trabalhar material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil. (...) Enfim é um livro bem tendenciosamente brasileiro.<sup>25</sup>

Coleção ficcionalizada de fragmentos, *Macunaíma*, livro que nasceu como seu herói num “*momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uiraricoera*” (ANDRADE, 1997, p. 9) partejado pelas mãos do Mário-rapsodo no retiro de Araraquara, já tornava realidade, ao ser publicado em 1928, o sonho da *Enciclopédia*, demarcando rotas e sinalizando o que fora descoberto.

---

<sup>25</sup> ANDRADE, Mário de. Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. *Op. cit.*, p. 75 (carta de 01/03/1927).

Buscar uma tradição brasileira supunha para Mário, por um lado, a afirmação do europeísmo como “nosso primeiro, derradeiro e único mal”<sup>26</sup> e, por outro, o desejo de “tradicionalizar o Brasil”<sup>27</sup>

##### 5. “*Vou reentrar no meu povo*”<sup>28</sup>

No “Epílogo” de *Macunaíma*, o narrador, até este ponto oculto, se faz presente revelando, quase numa parábola, muito de si mesmo, do modernismo e do Brasil por ele descoberto. Novamente a sombra autoral se projetando, agora à beira-rio do Uiraricoera: “Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo”<sup>29</sup> na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. (...) ...Um silêncio imenso dormia à beira-rio do Uiraricoera”.

Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói. Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acoorei em riba dessas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Tem mais não. (ANDRADE, 1997, p. 134 e 135.)

“O homem sou eu, minha gente.” Na palavra do autor finalmente a síntese buscada. Foi ele, o Mário-viajante, o homem que saiu da “taba grande paulistana” (*Idem, ibidem*, p. 109) e foi “aos matos do Norte” (*Idem, ibidem*, p. 31) para, no silêncio imenso, na dor e no susto, ouvir do papagaio a fala mansa que era boa e revelava coisa muito nova, muito!

Foi ele, o Mário-colecionista, o homem que se acompanheirou com o último dos papagaios do “bando de araras vermelhas e jandaia, todos esses faladores” (*Idem, ibidem*, p. 108) que havia feito parte do “cortejo sarapintado de Macunaíma imperador” (*Idem, ibidem*, p. 108.). Foi ele, o Mário-escritor o homem que botou a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

<sup>26</sup> ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas no Diário Nacional. *Op. cit.*, p. 429. (crônica de 13/09/1931).

<sup>27</sup> ANDRADE, Mário de. Entrevista concedida ao jornal *A Noite*. Rio de Janeiro, 12/12/1925. In: KOIFMAN, Georgina (Org.): *Op. cit.*, p. 145 a 150.

<sup>28</sup> ANDRADE, Mário de. O carro da miséria. In: *Poesias Completas*. *Op. cit.*, p. 292.

<sup>29</sup> Tangolomângalo, tangolomango, tangoromângaro, tangromangro é feitiço ou urucubaca, doença que supostamente se origina de feitiço, coisa-feita, trama, magia. Por extensão de sentido, qualquer mazela, má sorte ou caiporismo.

Foi ele, o Mário-memória, o homem que ouviu a jandaia que conservava no silêncio as frases e feitos do herói, preservando do esquecimento os casos e a fala desaparecida.

Foi ele, o Mário-descobridor, o homem que encontrou na ramaria um papagaio verde de bico dourado espiando pra ele, e falou. Sem ele, ninguém jamais podia saber tanta história bonita e a história da tribo acabada. “O homem sou eu, minha gente!” E nesse “Ecce Homo” moderno ecoavam todos os roteiros e todos os descobrimentos do homem que, no caso deste livro, se vangloriara do gesto autoral ao escrever “meu nome está na capa do Macunaíma e ninguém o poderá tirar”<sup>30</sup>: a busca de uma língua brasileira, das tradições brasileiras, da diluição das diferenças regionais na síntese de um todo, de uma arte-ação, do Brasil no povo brasileiro.

Por ter escrito *Macunaíma*, Mário não apenas pode repetir o que já dissera em 1924, “estou escrevendo em brasileiro”<sup>31</sup> mas também ficcionaliza, através do herói, o drama da dualidade linguística no Brasil que ele pensara solucionar e considerara, quase sempre, missão primordial dos modernos:

porque o Brasil é uma nação possuidora de uma língua só. Essa língua não lhe é imposta. É uma língua firmada gradativa e inconscientemente no homem nacional. É a língua de que todos os socialmente brasileiros têm que se servir, se quiserem ser compreendidos pela nação inteira. É a língua que representa intelectualmente o Brasil na comunhão universal<sup>32</sup>.

Depois de ser batizado na religião Caraimonhaga que estava fazendo furor no sertão da Bahia, Macunaíma, enquanto aguarda que Veneslau Pietro Pietra – o gigante Piaimã – muito doente com a sova e todo envolvido em rama de algodão se levantasse da rede onde estava deitado por cima do caramujo onde guardara a muraquitã, “aproveita a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito.” (ANDRADE, 1997, p. 69)

A carta pras icamiabas é um texto central, física e criticamente, do livro. Nela Mário dirá em 1931 ter posto “frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais” e devastado “a tão

---

<sup>30</sup> ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas no Diário Nacional. *Op. cit.*, p. 434. (crônica de 20/09/1931).

<sup>31</sup> ANDRADE, Mário de. Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. *Op. cit.*, p. 33. (carta de 26/09/1924).

<sup>32</sup> ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas no Diário Nacional. *Op. cit.*, p. 111. (crônica de 25/05/1929).

preciosa quão solene língua dos colaboradores da *Revista de Língua Portuguesa*” uma vez que “Isso era inevitável pois que o meu ... isto é, o herói de Koch Grünberg, estava com pretensões de escrever um português de lei.”<sup>33</sup> Nela, faz Macunaíma deixar de lado sua preguiça ancestral e escrever uma longa missiva em português escorrito na que afirma “ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa que falam numa língua e escrevem noutra.

Em Macunaíma, as lendas indígenas e de todas as cores do Brasil estão presentes. Nele o herói de nossa gente nasce “preto retinto” (ANDRADE, 1997, p. 66) e ainda que seja “filho do medo da noite” foi parido por uma “índia tapanhumas” (*Idem, ibidem*, p. 59) e, depois de lavar-se na água encantada de uma cova que na verdade era a marca do pezão do Sumé, do tempo que andava pregando o Evangelho de Jesus pra índiada, vira “branco louro e de olhos azuizinhos.”

Na carta a Carlos Drummond de Andrade, também datada de 1925, assinala com veemência que “*não estou fazendo regionalismo*” (*Idem, ibidem*, p. 9) e a Prudente de Moraes Neto esclarece:

Este meu nacionalismo não pensem que é chauvinismo e muito menos regionalismo. É amor humano e único meio de nós brasileiros nos universalizarmos. Porque a maneira com que um povo se universaliza é quando concorre com seu contingente particular e inconfundível pra enriquecer essa coisa sublime, uniforme, mas múltipla, que é a humanidade (*Idem, ibidem*, p. 9)

Por isso, quando em 1931 escreve uma crônica-carta na que pretende responder a algumas críticas de Raimundo de Moraes, toma “a desesperada ousadia de lhe confessar o que é o meu Macunaíma” (*Idem, ibidem*, p. 30) e confere um valor heurístico à cópia, afirmando categórico “eu copiei o Brasil”.

Em *Macunaíma*, Mário se aproxima do que chamava de “arte-ação”. O conceito de arte-ação, e do neologismo dele derivado no verbo “artefazer”, conceito delimitado teoricamente em “O artista e o artesão” e que parece permitir a Mário conviver com o impasse que sempre via presente na obra de arte: o de harmonizar o primado do belo e a função social do artista, impasse que o fizera escrever, no fim de sua vida, a um jovem escritor que o artista é “o homem que participa da vida e funciona nela por intermédio do valor estético que é a beleza”.

---

<sup>33</sup> ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas no Diário Nacional. *Op. cit.*, p. 433. (crônica de 20/09/1931).

...Que a arte na realidade não se aprende. Existe, é certo, dentro da arte, um elemento, o material, que é necessário por em ação, mover, para que a obra de arte se faça. O som em suas múltiplas maneiras de se manifestar, a cor, a pedra, o lápis, o papel, a tela, a espátula, são o material de arte que o ensinamento facilita muito a por em ação. Mas nos processos de movimentar o material, a arte se confunde quase inteiramente com o artesanato. Pelo menos naquilo que se aprende. Afirmemos (...) que todo o artista tem que ser ao mesmo tempo artesão. Isso me parece incontestável e, na realidade, (...) encontramos sempre, por detrás do artista, o artesão. (ANDRADE, 1997, p. 103)

Segundo Autran Dourado, (GUIMARÃES *apud* DOURADO, 2004, p. 53), “quando num discurso se encontram palavras repetidas e que, ao tentar corrigi-las, elas parecem tão apropriadas que o discurso sem elas estragaria, é preciso deixá-las.”

Mário distingue a arte-ação, por um lado da arte-individualista ou arte erudita, esteticamente livre, que longe de sintetizar “os processos de poetar do povo” revela unicamente a marca personalíssima do talento de seu autor.

## 6. *Conclusão*

*Macunaíma* é uma das obras pilares da cultura brasileira, podendo dizer que através dela “nasce” a linguística com suas adaptações brasileiras, a introdução “do jeito como se fala”, os mitos folclóricos e também o surrealismo que permite os personagens “navegar” sem fronteiras. Surge, a partir de Macunaíma, uma linguagem nova com todas características naturais da brasilidade, rompendo assim com o sistema cultural vigente.

Neste período observa-se o aspecto social, na relação homem/máquina. É o início da industrialização, que confunde Macunaíma. Mais uma vez o elemento surreal se apresenta no momento em que o herói transforma tudo em máquina. No aspecto linguístico, a introdução de novas palavras: “maquinando”; “satisfã”. A obra Macunaíma apresenta um novo aspecto linguístico dentro da literatura brasileira, onde a língua portuguesa utilizada sofre alterações que caracterizam o “brasileirismo”, o português do Brasil e não de Portugal. Em alguns trechos da obra, observa-se a denúncia social e os costumes da sociedade brasileira.

Paralelo a isso, é introduzido na obra traços do folclore brasileiro, permitindo tornar mais evidente os traços modernos da obra. Existe também a preocupação de evidenciar e valorizar a natureza do Brasil, com todas as suas riquezas.

Macunaíma faz uma sátira em relação aos parnasianos, criticando a forma “exagerada” da escrita. Por esse motivo, na carta redigida por Macunaíma ele utiliza uma linguagem mais formal, diferente daquela utilizada em sua fala.

No desenrolar do romance, Mário de Andrade mostra a questão da língua, onde ocorre o português “abrasileirado” que está se formando, como, por exemplo, neste trecho: “... quem conta história de dia cria rabo de cutia...”, sendo este um dito popular que se relaciona diretamente com a cultura brasileira.

Ao longo do romance, Macunaíma não se mostra diferente, pois ao mesmo tempo que é marginal ele é um herói em seu mundo surreal.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *A imagem de Mário*. Rio de Janeiro: Livroarte, 1984.

\_\_\_\_\_. *Macunaíma*. 30. ed. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1997.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia brasileira*. São Paulo: Loyola/EDUSP, 1993.

BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GINZBURG Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos. Emblemas. Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. da Letras, 1989.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.